



que se passa. É o bichinho da festa indiana a manifestar-se.

Danyial apanha-nos desprevenidos quando se aproxima pela primeira vez. E se não tivesse falado, provavelmente nem teríamos dado pela presença dele. “Querem entrar?”, pergunta. “Hafiza, a minha irmã, casa-se hoje, estamos em festa”. E volta a perguntar se queremos entrar, com uma naturalidade que nos desarma. Só descobrimos mais tarde que os noivos são muçulmanos, e nada nos levaria a desconfiar. Afinal de contas, estamos numa cidade onde noventa por cento da população é hindu. De um lado da tenda, descortinamos um palco improvisado onde um rapaz em traje de festa, sentado no chão de costas bem direitas e olhar ausente, cumprimenta educadamente uma fila de gente que dele se vai aproximando. “Aquele que vêem ali é o noivo”, diz, e nem nos dá tempo de perguntar pela irmã: arrasta-nos di-

rectamente para a outra divisão desta tenda sem tecto onde está a mesa de buffet. E a maior parte dos convidados.

---

O *naan* foi introduzido na Índia pelos Mongóis, originários da Pérsia. Em persa a palavra significa “pão”. Tradicionalmente, o *naan* é moldado à mão até ficar com a forma de uma lágrima para depois ser cozinhado no forno *tandoor*.

---

No norte da Índia, o pão é servido como acompanhamento, por isso não admira que haja *chapati* simples e *naan* com alho e sementes de coentro, generosamente barrado com manteiga *ghee*. O prato principal é *dhansak* de cordeiro, cozinhado com vários tipos de lentilhas, batata e espinafres. Ao lado, encontramos *biryani* de vegetais, arroz basmati temperado com cardamomo, gengibre, cravo, canela, pimenta preta, cominhos,

açafraão-da-índia, sementes de coentros e depois misturado com couve-flor, batata, cenoura, cebola e feijão verde. No final, ainda temos de arranjar espaço para provar pão frito, com gosto a canela, cravo e cominhos. “Chegaram na altura certa”, diz Danyial, “ainda há comida”. Hoje partilhamos a refeição com mais de quinhentas pessoas. Dentro da nossa roupa europeia, sentimo-nos como um peixe fora de água. À nossa volta, vermelho, amarelo, verde, azul, laranja, lilás, rosa e branco circulam de um lado para o outro. De vez em quando alguns arriscam-se a falar connosco. Tiramos muitas fotografias, rimos e sorrimos até não poder mais. Até que Danyial nos chama. “Venham, é altura de nos despedirmos da minha irmã.” Olhamos um para o outro e perguntamos automaticamente: “Despedir?”. “Somos muçulmanos, a minha irmã ainda não conhece o marido”, acrescenta.

É então que descobrimos que Hafiza esteve a festa toda em casa dos pais, mesmo ali ao lado, à espera que o marido, que ainda não conhece, a vá buscar. À porta da festa, hindus e muçulmanos acotovelam-se para ver a noiva sair. Lá dentro, de costas voltadas para a parede, Hafiza sente a mão do marido pousar na sua cabeça e sabe que ele irá segredar à sua mãe que chegou a altura de levar a mulher. Desata a chorar. Já não faz parte desta família. Ganhou outra, a dele. O casamento foi combinado entre famílias, e aos noivos só resta respeitar a decisão. Enquanto se aproxima do carro onde o marido está à espera, Hafiza agarra-se à expectativa do momento que terá quando engravidar pela primeira vez. Durante os últimos três meses de gestação, voltará a casa dos pais para aprender com a mãe os segredos da maternidade. Será a última vez em que entrará pela porta da casa que

atravessou há instantes. O carro arranca e só em casa dele, sozinhos, é que se olharam pela primeira vez.

Deixamos Agra de manhã bem cedo, directos a Nova Deli, para apanhar o avião para Goa. Com a cabeça ainda em Hafiza. Será que vai ser feliz? Ficamos a pensar se na antiga colónia portuguesa os casamentos também serão assim porque, se em tempos foi maioritariamente cristã, hoje sabemos que sessenta por cento dos goeses são hindus. E na sociedade indiana hindu o mais comum ainda são os casamentos arranjados, apesar de Bollywood insistir em celebrar o amor romântico.

“São portugueses”, afirma a dona do hotel onde passamos a primeira noite na capital de Goa. Perguntamos, em português, como é que a senhora sabe disso. Até esta altura, só tínhamos comunicado em inglês. “Pelo passaporte, claro”, e exhibe triunfante o documento. Depois de algum tempo em viagem sempre agarrados à língua inglesa, sabe bem poder voltar a falar a nossa língua. A alegria de perceber as explicações à primeira, sem margem para dúvidas. “Aqui em Panjim ainda se encontra algumas pessoas que falam português, mas cada vez menos.” Alice aprendeu com os pais, mas hoje em dia pratica apenas com os turistas portugueses que recebe de vez em quando. Nem que fosse só por este bocadinho, chegar a Goa já é quase como voltar a casa. Com a sorte de poder testemunhar a coragem portuguesa que trouxe novos mundos ao mundo. A mesma que deu a malagueta aos indianos.

Este pequeno estado, situado no sudoeste indiano, era um dos maiores entrepostos comerciais do país, razão por que despertou, desde cedo, o interesse de grandes impérios, de mercadores, mari-